



News letter

Edição 3
Ano 2026
2.o Trimestre



O Jornal da CCA continua crescendo e trazendo as vozes, as ideias e os olhares dos nossos estudantes.

Nesta edição, além das reportagens, entrevistas e histórias que fazem parte da nossa escola, preparamos algumas novidades para deixar a leitura ainda mais interativa: temos tirinha, indicação literária e caça-palavras.

Boa leitura!

Faça parte da redação: É estudante do 6º ao 9º ano e tem uma ideia de matéria, desenho, artigo ou outra sugestão? Procure-nos via direct no instagram [@ccaband.alunos](https://www.instagram.com/ccaband.alunos). Aliás, siga a gente para acompanhar as iniciativas do coletivo e não perder nada durante o ano!

A força de existir com orgulho

Mês de junho contou com ações de grupo de alunos protagonistas na escola

Por **Manuela Devecchi de Matos**

O mês de junho, marcado globalmente pelas celebrações do Orgulho LGBTQIA+, teve uma programação intensa no colégio. O **Bandiversidade** — coletivo que acolhe e debate as vivências da comunidade LGBTQIA+ e negra — organizou palestras e confeccionou murais informativos com o objetivo de conscientizar a comunidade escolar e celebrar a representatividade.

Para o estudante do Ensino Médio e uma das lideranças discentes do Bandiversidade, **Pietro Ferreira da Silva**, a data carrega um forte valor histórico e de resistência: “Esse mês é importante para celebrarmos o primeiro momento em que dissemos ‘não’ à violência e reagimos”, destaca o aluno, em referência aos marcos históricos do movimento.

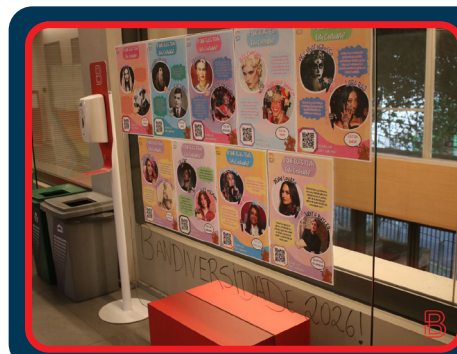
Já para um aluno do Ensino Fundamental 2, que preferimos não identificar, a data precisa ser vista sob uma perspectiva política e institucional. Para ele, a existência de um período

voltado à visibilidade faz com que “o governo e a sociedade entendam a dimensão da comunidade e o quanto ela está disposta a lutar por seus direitos”.

A tutora do Bandiversidade, **Karina Teixeira**, ressalta que a escola desempenha um papel crucial por ser um reflexo da própria sociedade. Segundo a educadora, as transformações promovidas no ambiente escolar ultrapassam seus muros e causam impacto no meio social. Por isso, combater o preconceito e cultivar o respeito desde a infância e adolescência são atitudes fundamentais.

Karina também lembra que o Brasil lidera estatísticas alarmantes de violência contra a população LGBTQIA+ — com atenção crítica para a comunidade trans —, o que reforça a urgência de construir espaços permanentes de acolhimento, escuta e conscientização.

Apesar dos avanços, estudantes relatam que o preconceito ainda se



faz presente no cotidiano, frequentemente camuflado em forma de ‘brincadeiras’. Para a escola, esses episódios refletem um preconceito estrutural enraizado na cultura, cuja desconstrução é um processo lento e contínuo. **Beatriz Kohlbach**, coordenadora de convivência completa: “É justamente por isso que o tema faz parte do currículo de Convivência e é trabalhado com toda a comunidade escolar. Educadores e funcionários passam por formações voltadas a esse compromisso, e os relatos que chegam ao conhecimento

da equipe são acolhidos e tratados pela Orientação Educacional.”

Pietro pondera que alguns comentários podem parecer inofensivos para quem os profere, mas causam marcas reais em quem os recebe. Segundo o estudante, quando alguém utiliza a palavra “gay” em tom pejorativo ou como insulto, evidencia que ainda enxerga a orientação sexual como algo negativo.

Nosso estudante do Ensino Fundamental 2 compartilha que também já vivenciou situações desconfortáveis no ambiente escolar, desde comentários desrespeitosos até perguntas invasivas sobre sua vida pessoal e orientação sexual. “Esse tipo de atitude faz com que a pessoa se sinta deslocada ou ‘diferente’, quando, na verdade, ela só está sendo quem é”, pontua.

Pietro também destaca que muitas pessoas ainda acreditam, de forma equivocada, que a orientação sexual é uma escolha. Segundo ele, ninguém escolhe sofrer preconceito. “O que todas as pessoas querem é ser respeitadas”, completa.

Os dois alunos concordam que o Bandiversidade faz diferença por oferecer um espaço de acolhimento, respeito e diálogo. Segundo **Karina**, o grupo atua em três áreas principais: acolher os estudantes, orientá-los sobre como lidar com situações de preconceito e violência e promover ações de conscientização para toda a comunidade escolar.

As ações realizadas durante o mês do orgulho mostram que a escola é um espaço de aprendizado, diálogo e respeito às diferenças e reforçam que todos merecem ser tratados com dignidade, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.



A resiliência na adolescência

Por Thiago Almeida Rampazzo



A adolescência é uma fase de intensas transformações, marcada pela busca de identidade, independência e aceitação, além de dúvidas sobre relacionamentos, estudos e futuro. Nesse período, a resiliência torna-se uma habilidade importante.

Ser resiliente não significa não sofrer ou ser forte o tempo todo. Significa aprender a lidar com as dificuldades, reconhecer os próprios sentimentos, buscar apoio quando necessário e encontrar caminhos para recomeçar. Segundo a psicóloga e pesquisadora **Ann Masten**, uma das principais referências mundiais nos estudos sobre resiliência da Universidade de Minnesota, ela é a

capacidade de se adaptar e superar desafios, porém essa capacidade não é um superpoder reservado a pessoas extraordinárias. Em seu trabalho, a pesquisadora utiliza a expressão “magia comum” (*ordinary magic*) para explicar que a resiliência costuma surgir de recursos cotidianos, como relações de apoio, capacidade de autorregulação, sentimento de pertencimento e oportunidades de desenvolvimento.

Na escola e nas relações sociais, essa habilidade pode ajudar o adolescente a lidar com críticas, erros, notas baixas e com a pressão para pertencer a um grupo, decepções amorosas, entre outras situações.

Desenvolvê-la, porém, nem sempre é simples. Dados recentes revelam um cenário preocupante de sofrimento emocional entre adolescentes brasileiros. A mais recente edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo IBGE com mais de 118 mil estudantes do país, aponta que três em cada dez estudantes brasileiros de 13 a 17 anos declararam sentir tristeza “sempre ou na maioria das vezes”. Uma proporção equivalente afirmou já ter tido vontade de se machucar intencionalmente. A pesquisa também mostra que 42,9% dos jovens se sentem constantemente “irritados, nervosos ou mal-humorados”,

enquanto 18,5% pensam frequentemente que “a vida não vale a pena ser vivida”.

Para a psicóloga **Sanderli Bicudo**, esses números refletem uma realidade que já pode ser percebida no cotidiano: “O que os índices do IBGE fazem é tornar mais visível algo que já aparece com frequência: adolescentes mais ansiosos, inseguros, sobrecarregados e, muitas vezes, sentindo-se sozinhos”.

A mesma pesquisa revela ainda uma diferença importante entre meninas e meninos. Cerca de 41% das meninas relataram ter se sentido tristes na maioria das vezes ou sempre nos 30 dias anteriores à pesquisa, índice significativamente maior que o registrado entre os meninos, de 16,7%.

Por trás dos números, existem experiências individuais. Alunas de nosso colégio, que preferiram não se identificar, compartilharam como lidam com sentimentos de ansiedade e dificuldades emocionais.

Uma delas conta que começou a perceber mudanças em seu estado emocional quando passou a se sentir sozinha, triste e muito ansiosa. Ao perceber que não estava conseguindo lidar sozinha com o que sentia, conversou com a família que, num

primeiro momento, relutou em buscar ajuda, mas logo depois percebeu a importância do encaminhamento para profissionais da área. Outra estudante relata como encontrar bons amigos foi fundamental para lidar com seus desafios de saúde mental.

E é justamente aí que resiliência e rede de apoio se encontram: enfrentar dificuldades não significa fazer tudo sozinho. Muitas vezes, ser resiliente começa por reconhecer que precisamos de alguém ao nosso lado.

Sofrimento emocional não deve ser tratado como “fase”, “frescura” ou “mimimi”. Escutar, acolher e buscar ajuda são atitudes que podem fazer diferença. Segundo a psicóloga **Sanderli**, é importante fortalecer as relações para que o adolescente tenha uma rede de apoio à qual possa recorrer nos momentos difíceis.

A família pode ser um espaço de acolhimento e segurança. Para isso, é importante que pais e filhos construam pontes de diálogo, mesmo quando existem conflitos de geração. Escutar antes de julgar pode abrir espaço para conversas mais honestas e ajudar o adolescente a se sentir seguro para falar sobre aquilo que está vivendo.

Os amigos também podem representar uma importante fonte de

apoio. Ter pessoas com quem conversar, rir, compartilhar dificuldades e pedir ajuda pode diminuir a sensação de isolamento. Mas é importante lembrar: amigos podem acolher e acompanhar, mas não precisam assumir sozinhos a responsabilidade por resolver o sofrimento de alguém. Em situações mais difíceis, buscar um adulto de confiança ou ajuda profissional é fundamental.

A escola, por sua vez, pode oferecer suporte pedagógico e orientação. Professores e funcionários atentos podem ajudar a perceber mudanças de comportamento, acolher o estudante e encaminhá-lo para o apoio necessário.

Resiliência não significa nunca cair. Significa aprender a levantar, compreender o que aconteceu e descobrir quais recursos podem ajudar na próxima etapa. E esses recursos nem sempre estão dentro de nós: muitas vezes, estão também nas pessoas que caminham ao nosso lado.

A adolescência é uma travessia. Haverá dias fáceis e dias difíceis, conquistas e frustrações, encontros e despedidas.

Você não precisa ser inquebrável. Precisa saber que pode se reconstruir — e que não precisa fazer isso sozinho.

CCA pelo mundo!

Nas últimas férias, nosso integrante da CCA, **Lorenzo Mazzei Saboia**, do 6º E, teve a oportunidade de visitar o **Centro Espacial John F. Kennedy**, localizado em Cabo Canaveral, na Flórida, de onde ocorrem os lançamentos espaciais, como a Artemis II.



Lançada em 1º de abril de 2026, a Artemis II levou quatro astronautas a bordo da cápsula espacial Orion, em uma viagem de aproximadamente 10 dias ao redor da Lua e de volta à Terra. A missão marcou o retorno dos seres humanos à vizinhança lunar depois de mais de 50 anos.

“Eu gostei muito do simulador de foguete e de entrar na cápsula Orion”, comenta **Lorenzo**.

Equipe do Jornal CCA conhece redação

Por Júlio Coelho



O jornalismo deve ser, acima de tudo, um meio seguro e confiável de divulgar informações. Todos os dias acontecem fatos relevantes ao redor do mundo, e o papel do jornalista é transmiti-los ao público de forma precisa, sem alterar a essência da informação e mantendo, ao mesmo tempo, o interesse do leitor — uma tarefa nem sempre fácil. Além disso, em tempos de *fake news*, o acesso a conteúdo não confiáveis ainda é frequente. Para evitar esses problemas, o profissional de imprensa precisa saber selecionar os fatos, organizar os dados e atrair a atenção do público.

A fim de compreender melhor a função do jornalista e a logística de uma redação, a CCA organizou, no dia 18 de junho, uma visita à redação da *Folha de S. Paulo*, um dos maiores veículos de comunicação do país.

O grupo pôde acompanhar o processo de produção do jornal e a trajetória dos fatos desde a apuração da fonte até a publicação final. “A ideia é apresentar a eles nossas rotinas, mostrar como o jornal é feito,

como os fatos são apurados e tratados e como, a partir disso, se produz uma notícia”, explicou **João Rabelo**, repórter de Especiais da Folha e principal organizador da visita. “A iniciativa teve como metas aprimorar os processos internos da publicação escolar e incentivar a adesão de novos alunos ao projeto”, completou **Renata Adduci Bertolini**, coordenadora do jornal da CCA.

Para funcionar com eficiência, um grande jornal depende de equipes multidisciplinares capazes de cobrir uma ampla variedade de temas e impactar diferentes públicos. Se no passado o jornal impresso era o principal meio de circulação de notícias, na Era Digital os formatos online ganharam protagonismo. Durante o percurso, o grupo conheceu o estúdio de filmagem onde são gravados os conteúdos em vídeo. “Eu gostei da sala de filmagem, porque achei legal um jornal escrito agora se preocupar em passar ao vivo pela internet”, relatou a aluna **Anna Demanbro Fernandes**, do 6º ano, que participou da atividade. Chamou a atenção dos estudantes também

o monitoramento da audiência das notícias publicadas online, que visa garantir pautas relevantes para os leitores.

A profissão também exige atualização constante. Como a cobertura abrange áreas distintas — como ciência, arte e política —, a redação conta com jornalistas especializados em cada editoria. Após a definição do tema, é feita uma pesquisa aprofundada para reunir informações pertinentes. Na etapa de redação, o desafio consiste em articular os dados logicamente e adequar a linguagem ao leitor-alvo. “Eu acho que o que aprendi de mais considerável é que os jornalistas não só pesquisam sobre determinado assunto, mas o vivem sob os olhares do público-alvo”, destacou o aluno **Pedro Thompson**, do 9º ano.

Ao final da visita e das conversas com os profissionais da área, a equipe compreendeu que o jornalismo vai além do ato de informar: trata-se de transmitir a notícia com credibilidade, atratividade e consistência.

Os desafios da adaptação no Ensino Fundamental

Por Beatriz Bortolai Martins de Araújo



Na Educação Infantil, a rotina pedagógica é estruturada por meio de atividades práticas e lúdicas, como jogos corporais, contação de histórias, desenho, pintura e modelagem. Com a transição para o Ensino Fundamental, essas dinâmicas dão lugar a uma rotina mais formal, focada na alfabetização sistematizada, no uso de livros didáticos, na organização em cadernos e no cumprimento de horários fixos por disciplinas.

Para muitos, a transferência para instituições como o Colégio Bandeirantes pode parecer desafiadora, mas os alunos confirmam que **“as pessoas são bem-vindas aqui!”**, como afirma a aluna **Manuela Matos Cura**. Manuela entrou no 1º ano do Ensino Fundamental em março, quando as aulas já tinham iniciado, e logo no primeiro dia se sentiu acolhida: **“Todos me receberam com umas bandeirinhas, que eu tenho guardadas até hoje, e estava escrito na lousa: Bem-vinda, Manuela. Ah, eles também se esconderam e fizeram surpresa para mim!”**.

Segundo a coordenadora pedagógica do 1º ano do Ensino Fundamental, **Gabriela Romera**, ganhar a confiança dos alunos e familiares é

fundamental neste período de adaptação. **“Durante a primeira semana, as crianças sobem para as salas de aula acompanhadas pelos responsáveis, e estes só vão embora quando elas estiverem se sentindo seguras.”** Ela conta que o processo de adaptação envolve professores, coordenadores e inspetores, e todas as atividades são pensadas antes mesmo do início das aulas, garantindo que as crianças se conheçam melhor e se divirtam na escola.

Para a aluna **Júlia Yamane**, do 1º ano, a adaptação foi fácil com a ajuda dos professores e amigos. Ela recomenda que as crianças venham para o Band que, segundo ela, tem um parque muito legal e vários cantinhos aconchegantes.

Já **Pedro Yogolare**, do 1º ano, comentou que no início teve medo por ser um colégio muito grande e com muita gente, mas logo fez um amigo chamado Fernando, que o ajudou a enfrentar este período.

Pedro Paro Chaves, também da mesma série, recomendou que mais crianças venham para o Band: **“Pode vir que é legal, e aqui ainda vai poder comer batata frita!”**, comenta animado.

No final, percebemos que cada aluno se adaptou de formas e em tempos diferentes, mas que todos, sem exceção, encontraram um motivo e um jeito para amar a nova escola. Criar amizades, aprender com os melhores professores e transformar o futuro: essa é a experiência que o Band oferece!



Além do Placar: Como o esporte transforma a vida dos alunos fora das quadras

Por Pedro Macedo Kheirallah



As conquistas de quem pratica esportes no ambiente escolar vão muito além de medalhas e troféus. Embora os pódios sejam motivo de celebração, o aprendizado mais valioso está na jornada: a cada treino, derrota e trabalho em equipe, estudantes desenvolvem competências socioemocionais que os acompanharão por toda a vida. Respeito, disciplina, resiliência e cooperação são apenas algumas das habilidades cultivadas no dia a dia esportivo.

Para o professor de Educação Física do Colégio Bandeirantes, **Carlos Eduardo**, o “**Carlão**”, o ambiente esportivo funciona como um laboratório para a vida. Ele destaca que a prática constante auxilia no contro-

le emocional, ensinando os jovens a lidarem tanto com a frustração da derrota quanto com a humildade na vitória.

A auxiliar de coordenação **Daniela Godoi** complementa que os impactos positivos refletem diretamente na postura do estudante em sua vida acadêmica. Segundo **Daniela**, a prática esportiva aumenta a determinação, o foco e a capacidade de manter o equilíbrio emocional sob pressão.

Essa relação entre a quadra e a sala de aula é sentida na prática pelos próprios alunos. **Miguel Farinha**, ex-aluno, formado em 2025, reconhece o papel crucial de sua trajetória como atleta escolar no seu desenvolvimento pessoal:

“O esporte me ajudou nos estudos porque me ensinou a ter mais disciplina, organização e perseverança. Também aprendi a trabalhar em equipe e a lidar com desafios. Além disso, a prática esportiva reduz o estresse e melhora a concentração, o que facilita a aprendizagem e o desempenho acadêmico”, relata **Miguel**.

Além dos benefícios cognitivos e emocionais, a integração social surge como um dos pilares da atividade física escolar. Para **Daniela Godoi**, o esporte é importante para aproximar pessoas. *“A prática esportiva motiva o aluno a estar na escola e ajuda na formação de um grupo social saudável, unindo jovens que compartilham das mesmas afinidades”*, pontua a auxiliar de coordenação.

Maria Luiza Peres Pereira, aluna do 2º ano do Ensino Médio, confirma essa visão ao definir as modalidades esportivas como o principal agente de socialização do colégio. *“É nos treinos que minhas amigas mais próximas foram construídas”*, conta a estudante, ressaltando que o esporte também ensina a conviver com a diversidade, buscando harmonia entre pessoas com diferentes modos de pensar e agir.

Benefícios na saúde mental

Em meio à rotina acadêmica intensa, as quadras e campos também funcionam como um refúgio para a saúde mental. A atividade física atua como uma pausa necessária no estresse do dia a dia, permitindo aos alunos recarregarem as energias.

Para o aluno **Pedro Pagano**, do 2º ano do Ensino Médio, o momento do treino é sinônimo de desconexão com as pressões diárias: *“Quando entro em quadra, me sinto relaxado*

e despreocupado. É o meu momento de desligar a mente dos problemas externos e fazer o que eu mais gosto”.

O Departamento de Educação Física do Colégio, formado por uma equipe de 35 funcionários, oferece sete modalidades esportivas diferentes e reafirma seu compromisso com a formação integral dos estudantes.



“É só brincadeira?": o limite invisível entre a zoeira e a dor na escola

Por Maria Eduarda Matsubara Fujii



“Nossa, perdeu muita aura!”. Nas rodinhas do pátio, na sala de aula ou nos grupos de WhatsApp da turma, os memes internos rolam soltos. Surge um apelido novo, alguém faz uma imitação engraçada ou solta um comentário sarcástico sobre o colega, e o grupo inteiro ri.

Se você perguntar para quem fez a piada, a justificativa costuma vir no automático: “Ah, é só zoeira!”. Mas, para quem recebe a “brincadeira”, nem sempre é assim.

“Algumas vezes, percebo que as pessoas ficam desconfortáveis com a provocação. As pessoas que brincam perdem a noção do que é engraçado e do que não é”, conta **Lucas Carvalho de Romão**, do 6º ano C. **Miguel Gomes Padilha**, do 8º ano C, concorda: “Eu percebo que quem sofre se sente mal, sim, e que quem faz não tem noção de que não é legal”.

Essa linha, fina e muitas vezes invisível, entre o humor que diverte e a piada que fere torna-se um dos maiores desafios da convivência escolar. Afinal, por que as provocações são tão comuns nessa fase?

Carolina Aragão, orientadora educacional do colégio e especialista no tema, diz que as pesquisas apontam uma maior incidência de provocações entre alunos de 11 a 13 anos, que enfrentam mudanças cognitivas que permitem uma melhor apreciação e compreensão do humor e da ironia.

Ela ressalta que a provocação também pode ter uma função social: “Os adolescentes provocam uns aos outros porque estão em uma fase de intensa busca por pertencimento. Muitas vezes, fazer uma piada sobre o colega é uma tentativa desajeitada de se afirmar no grupo.”

As provocações podem se manifestar de diversas formas: insultos, cutucões, imitações, apelidos, comentários depreciativos, questionamentos repetidos, fingimento de espanto, zombarias, perturbações, ironias e até esconder objetos.

Quando essas atitudes acontecem no ambiente virtual, a situação pode ganhar uma dimensão ainda maior. Os memes e comentários se espalham rapidamente, não têm hora para acabar e podem tirar do alvo o seu único lugar de refúgio: a própria casa.

“Já não existe separação entre o mundo real e o virtual. O grande problema é que, numa provocação via redes sociais, por exemplo, há uma proporção maior dos efeitos, já que existe um número maior de espectadores e não existe a possibilidade de esquecê-la. Uma vez postada, pode ser feito um print, e essa agressão pode ficar recorrente”, explica **Carolina**.

Para combater as provocações, todos podem fazer alguma coisa. “Acho que, para combatê-la, é preciso que os alunos façam uma intervenção e digam que não é legal o que foi feito. Se a pessoa não entender, é bom procurar um adulto e pedir ajuda”, sugere **Lucas. Miguel** concorda e lembra que é preciso haver uma maior conscientização sobre os efeitos das provocações.

Carolina compartilha outra estratégia que pode ser útil: “As pesquisas apontam é saber reagir com humor também, porque é uma maneira de mostrar que você não foi afetado pela ação provocativa. Mas sabemos que é difícil colocar isso em prática.”

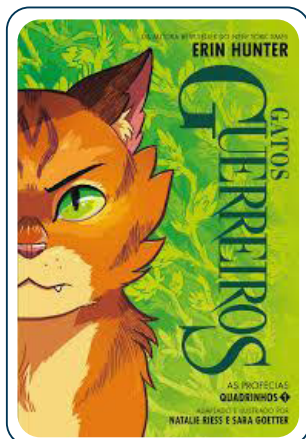
Além disso, a orientadora recomenda que os alunos demonstrem empatia na prática, consolando, ajudando ou oferecendo suporte a quem foi alvo da provocação.

O humor só é válido quando todos estão se divertindo de verdade. Rir com as pessoas fortalece as amizades; rir das pessoas pode machucar e afastar. Saber reconhecer esse limite também é uma forma de cuidar.

Estante Literária

Por Adele Bertocco Trindade

Gatos Guerreiros



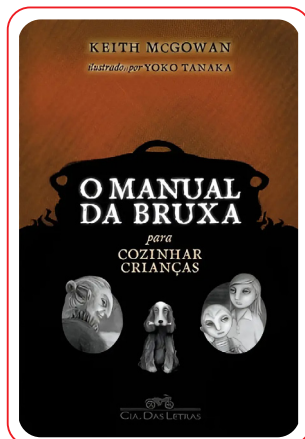
Escrita por **Erin Hunter**, essa série com tema inusitado conquistou milhões de leitores fiéis por todo o mundo. Atualmente, esse universo conta com um total de 95 livros, *novels* e quadrinhos.

No primeiro arco, intitulado “A Profecia Começa”, somos apresentados ao Ferrugem, um gatinho de gente (domesticado) que sonha em se aventurar na floresta desconhecida. Quando a oportunidade de finalmente se tornar um gato selvagem e livre surge, ele a aceita. Agora chamado de Pata de Fogo, o jovem aprendiz do Clã do Trovão embarca em muitas aventuras.

São quatro clãs e muitas disputas, guerras, batalhas ferozes e tragédias de partir o coração. Nesse mundo, você se apegue a cada gato.

Se não curtir ler o livro em si, pode ler a versão em quadrinhos, que já foi traduzida para o português.

Manual da bruxa para cozinhar crianças



Apesar do título um tanto assustador, esse romance infantojuvenil, escrito por **Keith McGowan** e ilustrado por **Yoko Tanaka**, tem uma mistura perfeita de suspense e humor. Para quem conhece o conto de João e Maria, a leitura traz muita nostalgia!

Nele, somos apresentados a Fay Holladerry, uma bruxa milenar que conseguiu se adaptar aos tempos modernos. Ela mora na cidade e atrai crianças por meios cotidianos. Porém, quando os recém-chegados Sol — um garoto de 11 anos muito inteligente e com uma incrível dedução científica — e Connie — sua irmã caçula, travessa e determinada — começam a desenterrar mistérios antigos, Fay precisa agir para evitar que as duas crianças intrometidas se metam em seus negócios.

Percy Jackson e os Olimpianos



Essa série infantojuvenil fantástica criada por **Rick Riordan** consegue abordar temas importantíssimos, criar personagens muito bem escritos e cenários devastadores, ao mesmo tempo que mantém a história com muita ação e humor.

À medida que vai lendo, você ganha a melhor aula da sua vida sem nem perceber! Nosso protagonista, Percy Jackson, é carismático e encantador, e é incrível conseguir acompanhar seu crescimento conforme a série avança.

Cada *plot twist* te deixa com o queixo caído, e você se apaixona por cada personagem, mas também acaba sofrendo junto com eles.

Algo a ressaltar é que muitas pessoas que conheço acabaram desistindo da série logo no início, sem nem sequer terminar o primeiro livro. Mas peço que tenham paciência, porque ele ainda está introduzindo a história e o ritmo ainda não foi totalmente definido.

Meu relato pessoal: Acabei desistindo do primeiro livro, comecei a ler o segundo, amei e continuei a série e suas continuações sem terminar de ler o primeiro. Só dei uma segunda chance depois de ter terminado tudo!

Tirinha do leitor

Pedro Thompson Paulino

Redes sociais

Por: Pedro Thompson Paulino



Caça-palavras CCA

Palavras a encontrar:

socialização	protagonismo	resiliência	diversidade	acolhimento
provocação	adaptação	esporte	orgulho	apoio

